

Release

Cobertura jornalística de feminicídios traz à tona pedagogia da crueldade, aponta artigo

Eliane Campelo - DRT n.264/TO

O tratamento dado pela mídia ao publicar casos de “Feminicídio”, assassinato de mulheres em razão de sua condição de ser do sexo feminino, é tema do artigo **“Feminicídios na mídia e desumanização das mulheres”** da pesquisadora Ana Liési Thurler. O estudo, publicado na Revista Observatório v.3, n.6, traz dados e apontamentos que levam o leitor a descobrir uma “pedagogia da crueldade” que ensina a sociedade a não ter empatia com a vítima e é praticada pelos veículos de imprensa em desfavor destas vítimas, ou seja, das mulheres.

Os crimes, aponta a pesquisa, são noticiados e tratados de forma descontínuas e pontuais, provocando o sentimento de que os feminicídios são fatos isolados, . A autora traz à tona uma realidade de violência onde “as mulheres — negras, indígenas, periféricas, não-binárias, ainda mais — estão em situação de inferioridade, relativamente aos homens”, em todos os sentidos, inclusive perante o Estado, que se mostra lento, omissos e surda ao ignorar Boletins de Ocorrência e pedidos de socorro em diversos casos.

O artigo analisa uma amostra de matérias sobre feminicídios ocorridos no Brasil — concentradamente, em Brasília (DF), nos anos de 2015 e 2016 e demonstra que “a mídia também seleciona, interdita ou inclui falas nesse debate” demarcando o lugar de invisibilidade e desigualdade a ser ocupado

pelas mulheres. A autora aponta que existem em circulação, portanto, dois discursos na mídia: “o discurso correto” e o “discurso enguiçado”. “Um é o discurso legítimo; o outro, desvela o caráter desviante, deslegitimando, desnormalizando a própria fala e quem a enuncia. Essas falas — uma aprovatória, inclusiva e outra reprovatória, interditoria — e os silêncios estão nas matérias sobre violência contra a mulher, em geral, e sobre os feminicídios, em particular”.

A Comunicação Social, aclara o estudo, contribui para a manutenção desse cenário social de desigualdades profundas entre os gêneros onde ocorrem e se sustentam as violências contra as mulheres. “As desigualdades sexuais são preservadas, naturalizadas pela “representação do mundo social (e, em particular, da política) feita pela mídia (e, em particular, pelo jornalismo) e contribui para perpetuar tal desigualdade”.

Os casos publicados pela imprensa do Distrito Federal e analisados na pesquisa revelam que a mídia, por vezes, adotou um discurso que levantava dúvidas sobre a moralidade das mulheres assassinadas, desviava a atenção do público para a vida pessoal das vítimas, omitia a existência de boletins de ocorrência, resguardava a identidade do assassino, encobria o descaso e ineficiência do Estado e a crueldade dos assassinos com a publicação de matérias superficiais e pontuais. Numa clara atitude de desumanização das vítimas. “As vítimas são consideradas e tratadas como vidas que não importam. A desumanização da vítima é feita pela sociedade e pela mídia, pelo apagamento de sua história, por sua invisibilização, com a consequência de nenhum estabelecimento de empatia com a vítima”.

O texto destaca que a visibilidade midiática é disputada para construção de capital político e que o machismo, mata. “Faz-se necessária a reflexão, com um fragmento de Butler: ‘nas condições bélicas contemporâneas, a condição

compartilhada de precariedade conduz não ao reconhecimento recíproco, mas sim a uma exploração específica de populações-alvo, de vidas que não são exatamente vidas, que são consideradas “destrutíveis” e “não passíveis de luto” diz Ana Liési Thurler.

Como citar a pesquisa

THURLER, Ana Liési. FEMINICÍDIOS NA MÍDIA E DESUMANIZAÇÃO DAS MULHERES. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 6, p. 465-496, out. 2017. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4249>>. Acesso em: (data do acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n6p465>.